

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



LUCIUS ANDREAS RESENDIUS. PORQUÊ LUCIUS? (*)

Foi recentemente publicada uma reimpressão de alguns dos dispersos de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1). Infelizmente, tais artigos saíram cheios de erros tipográficos, sobretudo nas citações latinas. A sábia mestra que em um desses trabalhos, precisamente aquele de que hoje nos ocuparemos, se queixa de que os seus contraditores são «leigos e latinófobos», que diria se pudesse ver a maneira descuidada como lhe reimprimiram os pequenos mas valiosíssimos estudos?

Vamos, porém, ao tema da presente palestra: «Lucius Andreas Resendius Lusitanus». É esse também o título do capítulo dos *Dispersos* que me sugeriu as palavras que vou ler.

D. Carolina Michaëlis sustentava, contra «leigos e latinófobos» não identificados, que o L. que precede o nome latino de André de Resende é «Lucius», portanto, «Lúcio» e não «Licenciado». E qualquer que tenha lido cuidadosamente a sua argumentação, creio que não pode deixar de dar razão à distinta investigadora, tanto mais que ela só se pronuncia categoricamente em relação ao prenome L., quando o humanista assina os seus escritos em latim. Aliás, D. Carolina julgava que Resende, se alguma vez deu ao «L» o valor de licenciado, em português, seria para responder aos que talvez o arguissem de paganizado, pelo uso dum prenome tipicamente romano. Ora teremos ocasião de ver que o «Lucius» não tem origem pagã. Por-

(*) Palestra lida em sessão da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em 24.2.1970.

(1) Com o título de *Dispersos. Originais Portugueses, I Varia* (1.º Volume). Edição da *Revista «Ocidente»*, Lisboa, 1969. O artigo «Lucius Andreas Resendius Lusitanus» vem de páginas 415 a 434.

tanto, creio ainda com razões mais fortes do que a distinta romanista, que o «L» do nome latino de André de Resende é, de facto, «Lucius».

Assim não pensa, todavia, o Senhor Prof. Moreira de Sá. Na verdade, à tradução feita pelo Dr. Miguel de Meneses da *Oratio pro Rostris* (2), pronunciada por Resende na Universidade de Lisboa em 1534, juntou o Prof. Moreira de Sá diversas notas. E na primeira (3) delas, logo muito cautelosamente explicou porque mantivera o «L» na tradução portuguesa do nome latino de Resende, sem escolher entre Lúcio ou Licenciado. Dando conta da sua perplexidade escreveu: «Propositadamente conservamos a grafia L. André de Resende, em vez de Lúcio André de Resende, como parece se devia ter escrito. Quem quiser conhecer as razões que militam a favor dos que interpretam «L» como «licenciado» ou como «Lúcio», deverá consultar A. F. Barata (...)». E indica a seguir o artigo de D. Carolina Michaëlis e a resposta de António Francisco Barata. Como este foi o último a pronunciar-se, o Prof. Moreira de Sá parece ter ficado impressionado com o silêncio da grande romanista e deixou a questão indecisa. Mas em 1958, tive ocasião de escrever (4) que a questão ficava encerrada com o artigo de D. Carolina Michaëlis. E continuo da mesma opinião, agora com mais justificadas razões.

Com efeito, ao analisar as poesias de André de Resende, que se encontram no MS. F.G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa, aí encontrei uma ode de Resende, nunca estudada até hoje e, que eu saiba, também ainda não publicada. Esta colectânea não foi conhecida de D. Carolina Michaëlis.

Trata-se de uma ode de oito estrofes de quatro versos cada, três asclepiadeus menores e um glicónico, um esquema horaciano bem conhecido. É o esquema, por exemplo, de *Quis desiderio sit pudor aut modus / tam cari capitis?*, a ode 24 do livro I, em que Horácio lamenta a morte de Quintílio Varo, ou da 33 do mesmo livro, em que

(2) Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia, anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1956.

(3) P. 65.

(4) «O poeta quinhentista André Falcão de Resende», *Humanitas*, IX-X, Coimbra, 1957-58, p. 107, n. 21. Este artigo foi reimpresso em *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, encontrando-se a p. 290 do livro, a referida nota (21).

se compadece dos desgostos amorosos de Tibulo, ou da ode 12 do livro IV, em que convida um desconhecido Virgílio a beber, em cenário primaveril, e a esquecer por momentos as preocupações cotidianas. Também a ode de Resende é um convite a beber, mais exactamente, para um jantar. Mas dos convites horacianos, dirigidos a amigos do poeta, o mais parecido é a ode 11 do livro IV, composta em sáficos. Aí o poeta convida a sua amiga Fílis a celebrar os Idos de Abril, aniversário de Mecenas. Do jantar comemorativo há apenas a sugestão, no movimento e azáfama dos criados e no fumo que acompanha as chamas da lareira (5).

André de Resende, que convida o seu amigo Julião de Alba a festejar os «Idos do mês de Numa», descreve com mais pormenores as iguarias do seu jantar de anos. Iguarias simples, aliás, e que nos interessam muito menos do que o pormenor fundamental: o dia do seu aniversário.

Vou ler a ode de Resende, juntando-lhe seguidamente uma tradução:

L. Resendius Iuliano Albio

*Idus mense Numae, Lucia quo die
Inter Sicelides prima nitet deas
Septem retro mihi lustra uolubili
Defluxisse monent rota.*

Primum hac luce caput Lucius extuli, 5
*Emersique nouas aetheris in uagi
Auras, excipiens quem dea protinus
Blando Calliope sinu,*

Musaeoque lauens amne, meus meus
Hic hic dixit erit. Diuitias licet 10
*Saturni astra negent, non ego pauperem hunc
Mutem diuitibus decem.*

(5) Vs. 9-12.

*Albi, quemque tenet caecus amor sui,
Solaturque famem Delphicus hic furor.
Sed tu Calliope* stamina currere
Nobis ueridica* putas.* 15

*Natali ergo meo neu tenuis opes,
Neu mensam tenuem sperne potentior,
Quin ipso uenias tempore cum tribus,
Non ingratis, sodalibus.* 20

*Est hoedus mihi, iam cornua cui caput
Tuber reddiderunt, hornotina et scrofa
Nec dum mater, et ex corte auaria
Gliscens pullities cibo.*

*Nec Pomona aberit diuite copia
Nec deerunt facilis munera Nysii,
Curas quae anxiferas eluerint, data
Nigris pernicie cadis.* 25

*Vltra haec, carminibus fercula condiam,
Flacci Daedalius pone sequens modos,
Quamuis inferior, non tamen horrida (6)
Iuuentus fidicen lyrae.* 30

Ou numa tradução corrente em prosa:

*Os Idos do mês de Numa, no dia em que Lúcia brilha como primeira
entre as santas da Sicília, avisam-me de que sete lustros ficaram para
trás em veloz carreira.*

*A esta luz, eu, Lúcio, ergui a cabeça pela vez primeira e surti para
as auras novas do éter flutuante. E a divina Calliope logo me recebendo
em seu brando regaço,* 5

(6) Reminiscências horácianas de *Odes* III, iv, 50 e IV, iii, 23.

enquanto me lavava na corrente das Musas, disse: «Meu, meu será este; ainda que os astros de Saturno lhe neguem riquezas, não trocarei este pobre por dez ricos». 10

Álbio, a todos possui um cego amor próprio e consola a fome esta inspiração poética. Mas tu crês que Calliope, amiga da verdade, faz correr os fios a meu favor (7). 15

Por isso, no meu dia de anos, ainda que mais poderoso, não desdênhes meus pobres recursos nem mesa pobre. Antes vem, tu que não és ingrato, com três companheiros, na hora justa! 20

Tenho um cabrito, cuja cabeça já engrossam as hastes, e uma porca dum ano, que ainda não foi mãe, e da capoeira vem um frango que lá engorda.

Também Pomona não estará ausente com a sua abundância. E não faltarão os dons do fácil Niseu, que hão-de dissipar os cuidados ansiosos, se esvaziarmos negros pichéis. 25

Além disso, adubarei de versos os pratos, seguindo na esteira dos ritmos hábeis de Flaco, decerto inferior a ele, mas não poeta jovem de lira destemperada. 30

Vejamos agora o que pode extrair-se da poesia, sobre o dia do nascimento do seu autor. A ode abre com a expressão *Idus mense Numae*: «os Idos no mês de Numa».

(7) O sentido pede que *tu* se refira a *Albi*, no começo da estância, pois, se estivesse referido a *Calliope*, produzir-se-ia uma mudança de sujeito bastante incômoda, logo seguida do regresso ao sujeito anterior, como se vê por *ingrate*, vocativo masculino, no verso 20.

Por outro lado, *ueridica* no verso 16, torna o glicónico errado. Sintaxe e metro ficam, porém, certos, se lermos:

*Sed tu Calliopem stamina currere
Nobis ueridicam putas.*

— — — — —

Foi este o texto considerado, na tradução.

Interessa-nos, em primeiro lugar, saber o que entendia o poeta por «mês de Numa» e, por isso, teremos de dar uma breve vista de olhos ao calendário romano.

Os latinos tiveram inicialmente um calendário de dez meses com início em Março, cuja criação era atribuída, segundo a lenda, a Rómulo, primeiro rei de Roma. Março, o primeiro mês do ano, teria recebido o nome do deus Marte, pai de Rómulo. Vestígios desse calendário primitivo encontram-se ainda nos nomes dos últimos quatro meses do ano, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, correspondentes ao latim *September*, *October*, *November*, *December* que assentam claramente nos numerais de «sete» a «dez».

Como é sabido, a lista ainda era mais completa, pois Julho e Agosto, representam nomes tardios dos primitivos *Quintilis* e *Sextilis*, rebaptizados mais tarde em *Julius* e *Augustus*, em honra de Júlio César e Augusto, respectivamente.

Este ano de dez meses, demasiado curto, veio a ser substituído, ainda em época muito antiga, por um outro de doze meses, graças à adição de Janeiro e Fevereiro que tomaram lugar, ao que se diz, primeiro no fim do ano e, depois, no princípio, como sucede actualmente. Aliás, é difícil imaginar como *Januarius*, um nome cuja etimologia parece ligá-lo inevitavelmente à ideia de princípio (8), pôde figurar no fim do ano.

Os testemunhos são contraditórios, por vezes dentro do mesmo autor, como acontece com Macróbio, e toda a informação relativa a esta matéria encontra-se comodamente coligida no livro da professora americana Agnes Kirsopp Michels, *The Calendar of the Roman Republic*, publicado em Princeton, New Jersey, em 1967.

Esta inovação dos dois meses foi atribuída ao rei lendário Numa Pompílio. Na Gália, onde o ano continuou a começar em 1 de Março, o mês de Fevereiro era o último e a expressão *mensis Numae*, que só encontrei em dois escritores dessa província, Sidónio Apolinar e Ausónio, significa neles o «mês de Fevereiro». Creio que até muito tarde o ano começou em França, nomeadamente em Bordéus, em Março ou Abril, no domingo de Páscoa (9). Quando o francês Arnaldo Fabrício inaugurou os cursos do Colégio das Artes em Coimbra, no

(8) Cf. os dicionários etimológicos latinos de A. Ernout e A. Meillet; A. Walde — J. B. Hofmann.

(9) Cf. *La Grande Encyclopédie*, Paris, t.3, s. v. «année».

dia 21 de Fevereiro de 1548, ao imprimir o seu discurso, deu-lhe a data francesa de 1547, porque, pelo cômputo a que vinha acostumado, ainda se não estava em 1548. Já há muitos anos, o Prof. Mário Brandão chamou a atenção para o facto, no primeiro volume do seu livro sobre *O Colégio das Artes*, p. 92.

Seja como for, creio que, na ode de Resende, *mensis Nymae* é o «último mês do ano», pelo cômputo português e, portanto, «o mês de Dezembro».

Aliás, André de Resende, apesar de arqueólogo, estava habituado a adaptar livremente o calendário do mundo antigo às suas necessidades de poeta do século XVI da era cristã.

Assim, numa poesia latina, publicada na íntegra pela primeira vez em *Humanitas* (10), em artigo do Dr. Cândido Aparício, o poeta Resende convida os seus amigos Julião de Alba e Rodrigo Sanches a celebrarem com ele as *Saturnais*. E qual a data que lhes atribui? Os «Idos de Novembro», quando tais festas tinham lugar em Roma, à volta de 17 de Dezembro. São estes os versos de Resende, dirigidos aos dois amigos, com referências à data:

*Nondum saeuit hiems omnino, et sole tepenti
Meum renidet xystulum.*

.....
*Sol Hyperionides iam Saturnalia circa
Idus Nouembreis attulit.*

*Saturnalia sunt, sunt Saturnalia, puro
Dies notanda calculo.*

Citei e traduzo apenas os versos que interessam à questão da data:

*Ainda não chegaram de todo os rigores do inverno e ao sol quente
brilha o meu pequeno pórtico.*

.....
*O Sol, filho de Hipérion, já trouxe as Saturnais, à roda dos Idos de
Novembro.*

(10) Vols. VII-VIII (1955-56), 215-219.

São as Saturnais, são as Saturnais, dia para marcar com uma pedra branca.

Como os Idos de Novembro são a 13, é natural que Resende estivesse a convidar *circa idus Nouembreis* os seus dois amigos para celebrarem todos o São Martinho, que é a 11 do mesmo mês. De facto, no resto da poesia fala-se de provar o vinho, tanto antigo, como novo... (11)

Com liberdade ainda menor, o mês de Numa, na ode que nos interessa, é o último mês do ano, e, portanto, Dezembro. E os Idos de Dezembro são a 13. Assim, no convite dirigido a Julião de Alba (que também foi convidado, como vimos, para celebrar o São Martinho), no convite para festejar os seus trinta e cinco anos, o dia do aniversário de Resende ocorria a 13 de Dezembro, dia de Santa Lúcia ou Santa Luzia.

Lúcia ou Luzia foi uma virgem martirizada no principado de Diocleciano, em 13 de Dezembro de 304. A tradição dá-a como filha de nobre família siracusana, da Sicília, portanto, onde também conheceu o martírio. Há notícias do seu culto desde o século V e o seu nome figura no cânone da missa.

É representada com os olhos num prato, embora as descrições da sua morte se não refiram aos olhos. Mas crê-se que é a etimologia do seu nome, relacionado com «luz», que levou quer a essa representação, quer à tradição que faz dela advogada das enfermidades da vista (12). A *Enciclopedia Cattolica* informa que em Itália, na Idade Média, se chamava a um colírio, ou remédio para os olhos, «santalucia».

(11) *Quid cessas Albi, quid tu, lepidissime Sancti?*

Relinenda nobis dolia.

Siue picata placent, cretato et cortice tecta,

Cortex reuelletur statim,

Seu magis illigna proritent condita cupa, 15

Mordax terebrum irrepsit,

Imo nulla meri non uersa fidelia restet,

Siue horna, seu uetustior.

(12) Na sua *Autobiografia*, Benvenuto Cellini (1500-1571) recorda como em agradecimento de ter recuperado de um acidente num dos olhos ofereceu a Santa Luzia, no dia da sua festa, um olho de ouro. Cf. *The Autobiography of Benvenuto Cellini* translated by John Addington Symonds, New York, Washington Square Press, 1963, p. 365.

Regressemos agora aos versos de André de Resende:

*Idus mense Numae, Lucia quo die
Inter Sicelides prima nitet deas*
.....
Primum hac luce caput Lucius extuli
.....

As alusões a Lúcia e a «luz» explicam que o poeta tenha tomado o prenome de Lúcio, por ter nascido em dia de Santa Luzia ou Lúcia.

O facto era certamente conhecido de amigos como aquele Didacus Stephanus que no final do *De Verborum Coniugatione Commentarius*, escreve em dois dísticos elegíacos:

*Tandem aperit, dirimitque Chaos, sentesque reuellit
Et reddit luci, Lucius arte potens
Qui quantum Phoebus caelestia lumina uincit,
Tantum Palladios anteit ore uiros.*

De novo o jogo de palavras entre *lux*, *Lucius* e *lumina*.

Ou nos versos em português do seu sobrinho André Falcão de Resende, num soneto:

*Da nossa antiga casa e geneol'gia
Lúcio Resende, resplendor perfeito.*

Deste soneto dizia António Francisco Barata só poder ter sido escrito depois de 1593, data em que Diogo Mendes de Vasconcelos publicou o manuscrito do *De Antiquitatibus Lusitaniae*, onde o nome do autor é Lucius Andreas Resendius. Ora em 1593, tinha morrido André de Resende, há vinte anos, ao passo que, pelo teor do soneto, o antiquário era insofismavelmente vivo.

E era vivo também, quando o mesmo Falcão de Resende lhe enviou a «Sátira ao Doutor Mestre Lúcio André de Resende», que começa:

*Claríssimo Doutor entre os Romanos
Dos que em Parnaso mais estão no cume,
Lúcio Resende, e luz dos Lusitanos.*

Estes versos nunca foram comentados por Barata, apesar de citados por D. Carolina Michaëlis, nem mesmo no artigo do jornal *O Conimbricense*, artigo muito fraco em que o bibliotecário eborense se surpreendia de que a mestra universitária achasse «aceitável o Lúcio pagão anteposto ao nome proprio christão André», porque «o horto-doxo (*sic*) frade não o fazia nem fez». Já vimos como *Lucius*, ao contrário do que pensavam Barata e a própria D. Carolina, tem origem cristã e não pagã.

Também o dia de Santa Luzia tinha prestígio escolar no século xvi. No regulamento em latim do Colégio das Artes de Coimbra, regulamento aprovado em 26 de Abril de 1548, *Lucia* é um dos dias feriados do mês de Dezembro (13). A sua celebração condizia, portanto, com as inclinações intelectuais do aniversariante.

Mas voltemos a D. Carolina Michaëlis e ao artigo em questão. Citamos a grande mestra:

«A razão por que preferira Lúcio entre os prenomes mais usados na Roma antiga, adivinhe-a quem quiser e puder. Pela minha parte, não creio que Rivara acertou, aventando em 1839 a pergunta se Frei André escolheria por ventura de — ab — início esse L. para o poder acomodar ao gosto de latinos e vulgares, sendo para uns *Lúcio* e para outros *Licenciado*. Embora no fim da vida ele se aproveitasse raramente do expediente, constrangido ou não, acho mais provável que a escolha fosse determinada tanto pelo parentesco do expressivo nome-próprio com o *anjo lucífero* e com os apelativos *luz*, *lúcido*, *lucidez* — mais tarde valorizados por um dos seus panegiristas — como também pela sua homofonia parcial com Luso, Lusitano (30)».

(13) Os dias feriados de Dezembro eram: *Nicolaus. Conceptio Beatae Mariae. Lucia. Thomas Apostolus. Expectatio Beatae Mariae. Natiuitas Domini. Stephanus. Ioannes Apostolus. Innocentes*. Cf. Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Chronologicas da Universidade de Coimbra* (ed. de Joaquim de Carvalho, 1944), 2.^a parte, III, i, 302.

Durante a discussão da presente comunicação à A.P.E.C., o Prof. Paulo Quintela lembrou que o dia de Santa Luzia era celebrado na escola primária que frequentou em Bragança, vestindo-se nesse dia a palmatória, a «menina de cinco olhos» ou «Santa Luzia». Lembrou a propósito o passo do conto «Para a Escola» de *Os Meus Amores* de Trindade Coelho, em que o velho Professor declara à Senhora Helena: «Um mestre sem palmatória é um artista sem ferramenta, não faz nada. *Santa Luzia* milagrosa! Aqui onde a vê tem feito muitos doutores». Lisboa, Portugália Editora, 11962, p. 137.

Em nota (30), D. Carolina discorda de Hübner que no *Corpus Inscriptionum Latinarum* e na *Römische Epigraphik* aventava a hipótese de Resende se chamar Luís, estando, assim, *Lucius* por *Ludouicus*.

Das considerações da grande mestra, podemos agora aproveitar o que está certo, por exemplo, a relação do nome com *luz*, *lúcido* e *lucidez*, mas não com o *anjo lucífero*. Pelo contrário, não é «Lucifer» que dá origem ao nome mas

*Lucia quo die
Inter Sicelides prima nitet deas.*

Lúcia no dia em que brilha como primeira entre as santas (14) *sicilianas.*

Também D. Carolina acerta, ao criticar a hipótese de Hübner. E provavelmente teria encontrado a explicação para *Lucius*, se tivesse conhecido o MS. F. G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa e lido nele a ode que aqui lhes li, traduzi e comentei.

Teria, assim, respondido àquela pergunta que implicitamente formulou num estilo muito seu, ao escrever:

«A razão por que preferiu Lúcio entre os prenomes mais usados na Roma antiga, adivinhe-a quem quiser e puder».

(14) No latim humanístico *deas*, juntamente com *diuas*, são formas correntes para designar as «santas», mesmo na pena de eclesiásticos, como Resende ou os Jesuítas.